

RUA LARGA

revista
da reitoria
da universidade
de coimbra
número 48
abril 2017

quem somos ?

19.ª semana
cultural
universidade
de coimbra

COIMBRA DUM TEMPO IGNOTO

RAQUEL VILAÇA *
SARA ALMEIDA **

À interrogação “**Quem somos?**”, retorquimos: “**Seremos, também, o que fomos.**”

E o que fomos remete (também) para um passado muito longínquo, com mais de seis mil anos materializados em fragmentos dispersos pela área urbana de Coimbra.

Nos últimos 15 anos desenvolveram-se na cidade, com distintos promotores, várias intervenções arqueológicas (de salvaguarda) tendencialmente inconsequentes do ponto de vista do retorno científico e social, porque destituídas de estratégia global, sem coordenação comum, e desenquadradas de quaisquer mecanismos de divulgação de resultados. Do incómodo sentido nasceu o projeto *Raízes. Coimbra pré-romana*, que a Faculdade de Letras da Universidade

de Coimbra (UC), através do seu Instituto de Arqueologia (Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes), desenvolve numa perspetiva integradora¹. Orientado para a gestão científica desses remotos sinais anteriores à presença romana em Coimbra, alguns conhecidos de há muito (outros que se revelarão a qualquer momento), o projeto contempla oito núcleos, na sua maioria concentrados na área que é, também hoje, Património Mundial da UNESCO.

1 O projeto circunscreve-se à Pré e Proto-história, reservando-se aos respetivos especialistas o exame dos períodos romano, medieval e moderno. Dada a natureza genérica deste texto, optou-se, igualmente, por isentá-lo da extensa lista de bibliografia subjacente.



Na convicção de que a memória das comunidades constituiu um objetivo de primeira linha de todo o esforço da investigação arqueológica, as evidências resgatadas do subsolo convertem-se em herança coletiva postulada no conhecimento partilhado.

Nessa partilha, podemos dizer, de momento, que a **história começou na outra margem...**

Na segunda metade do IV milénio a.C., quando a terra já se amanhava e os animais se cuidavam, a **Gruta dos Alqueves** (Santa Clara), ampla cavidade cársica conhecida igualmente por "Cova da Moura", serviu de cemitério a uma população multigeracional de ambos os sexos. São estas as evidências mais remotas da passagem de grupos humanos pelo espaço urbano de Coimbra.

As escavações realizadas, primeiro nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, e depois na década de 80 do século passado, deixaram, todavia, perguntas sem resposta. Os primeiros investigadores assinalam a existência de enterramentos em cista, mas a organização do espaço funerário é mal conhecida. Na última intervenção verificou-se que alguns corpos foram depositados junto às paredes da cavidade aproveitando pequenas fendas cársicas. Pedacos de ocre encontrados

em associação com materiais e restos humanos sugerem a prática de ritual milenar, cujos códigos simbólicos se pautariam pelo poder de regeneração da cor vermelha. As pessoas aí sepultadas possuíam uma dieta mista, de carne e vegetais, com elevada percentagem destes últimos.

O(s) locais(s) de habitação ficaria(m) certamente nos arredores, talvez nas vertentes viradas ao rio, mas não foi possível identificá-lo(s) até hoje.

Ou será que o mais antigo rosto humano de Coimbra (coleção do Museu Municipal Santos Rocha, Figueira da Foz), que a gruta protegeu na morte, também ele um de "nós", procurou abrigo, em vida, no morro onde se instalou a Universidade?

É bem possível que, então, na **Alta de Coimbra** estivessem já instalados os primeiros grupos humanos. Sem contexto seguro, mas indiscutivelmente sugestiva dessa ocupação que nos conduz ao IV e III milénios a.C., é a ponta de projétil (coleção do Instituto de Arqueologia), em sílex, semelhante a uma outra proveniente da gruta, recolhida no lugar do nosso espaço mais nobre: a **Alcáçova**.

Outros sinais desses tempos pré-históricos foram ficando pelo caminho, tendo vindo a revelar-se na **Rua Corpo de**



Deus, no Paço das Escolas, no Largo dos Colégios, no Museu Nacional Machado de Castro. Aqui, a recolha singular de um vaso globular (pertencente a este museu) quase intacto iluminará a face mais ritual dessas comunidades que perseguiram ainda a consolidação plena de um modo de vida sedentário.

Depois, perdemo-nos... e só voltamos a encontrar rasto de “nós” no raiar do milénio que antecedeu a nossa Era, sem que tal signifique, entretanto, o real armamento da colina. Mais uma vez fragilizado pelo desconhecimento das suas circunstâncias de achado (na cidade, na região?), o “colar de Coimbra”, de ouro maciço, a par do seu manifesto valor artístico e patrimonial, evoca esses tempos reveladores de assinalável capacidade de acumulação de riqueza, acompanhados por um crescendo processo de conflito de poderes intra e intercomunitários.

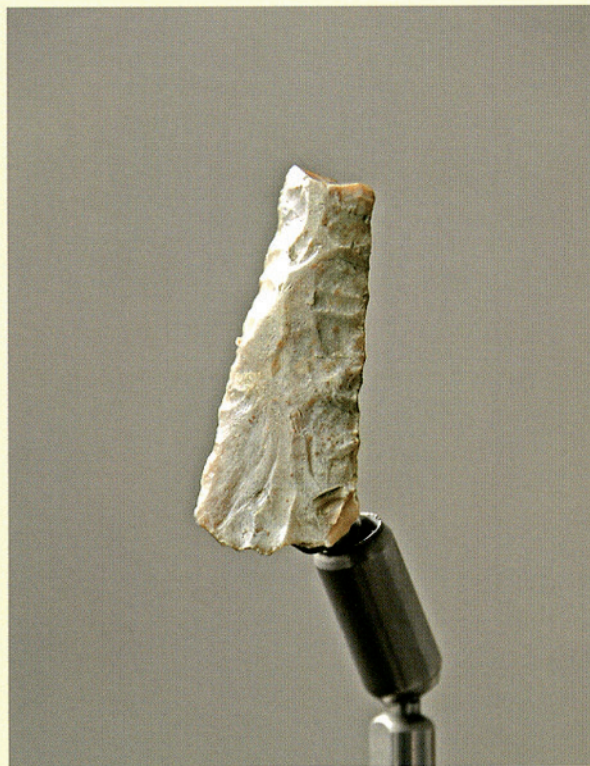
Tempos também de inequívocas mudanças que a descoberta de “novos mundos” aceleraria. Em vésperas da chegada de populações fenícias a Santa Olaia (Figueira da Foz), pelos séculos VIII-VII a.C., a Pré-história distanciava-se, era já passado de um outro passado.

As novas dinâmicas sociais seriam alimentadas pelo principal recurso estratégico, o minério do interior beirão, que o Mondego fazia chegar ao Atlântico e que este levaria até ao Mediterrâneo. O sítio que, alguns séculos depois, os Romanos designaram como *Aeminium*, ficava no caminho... Não podia deixar de fazer parte dessa história.

Mas só muito recentemente as intervenções arqueológicas urbanas vieram consolidar cientificamente a existência de um povoado proto-histórico em Coimbra. Se em 1979, Jorge de Alarcão escrevia que “a ocupação pré-romana da cidade [Coimbra] é provável, ainda que não provada”, passados quase 40 anos, podemos afirmar que a ocupação pré-romana da cidade está provada, ainda que pouco estudada.

O lote recuperado na **Praça de D. Dinis**, no qual se incluem restos antropológicos, nomeadamente um crânio, permite dizer, numa análise preliminar², que o local foi ocupado pelos séculos VIII-VI a.C. A presença humana da colina teve continuidade nos séculos seguintes, assinalando-se outros vestígios, especialmente cerâmicas, datáveis do século V a.C., na área do **Museu Nacional Machado de Castro**.

Parece ter sido desde esta altura que se terá consagrado o reforço da Coimbra pré-romana perante outros sítios de matriz fenícia/orientalizante, como Santa Olaia, então em crise ou procurando reorientação, chegando alguns a ser abandonados. Uma nova fase moldada por geoestratégias também diferentes, que se manifestaram no centro ocidental



Ponta de projétil em sílex. Coleção do Instituto de Arqueologia

atlântico, ditaria o crescente pendor regionalista espelhado na cultura material coimbrã dos séculos IV-III a.C., tão bem representada pelos conjuntos cerâmicos da **Rua Fernandes Tomás**. Outros indícios menos expressivos conduzem-nos à **Coureira dos Apóstolos** e até ao **Pátio da Inquisição**.

Nestas escassas linhas ressumbram resquícios de vida subjacente à ocupação mais antiga da cidade, intrinsecamente ligada ao fluxo de bens veiculado pelo Mondego e conjunturalmente integrada no quadro da fachada atlântica, que se foi forjando na dialética das suas múltiplas relações culturais. É pálida a imagem que temos de “nós” nesses tempos tão remotos, que outros tempos vindouros ajudaram a desfocar. Fomo-nos sumindo e jamais nos reencontraremos. Mas perseguimos o rasto dessa outra Coimbra.

A seguir, vieram os Romanos, que também somos.

* Professora do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP

** Arqueóloga. Doutoranda de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. CEAACP

quem somos ?

19.ª semana
cultural
universidade
de coimbra